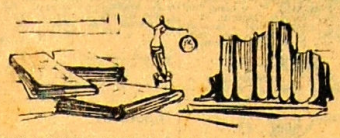
Z.º Caderno "Correio da Manhã" 26/4/1952 CORREIO DA M

UM HISTORIADOR DA FILOSOFIA QUE DESAPARECE

(Émile Bréhier)

EVARISTO DE MORAES FILHO



Sabia-se, através os telegramas chegados de Paris, acabara de falecer o maior dos sistematizadores da história da filosofia em língua francesa: Émile Bréhier. Um dos lebrados quando, ainda estudante de direito, o procuramos para uma entrevista, publicada na "Revista" sôbre as modernas correntes do pensamento universal. Estávamos em abril de 1926. Havia sido aquêle chegado para ministrar um curso da sua especialidade na antiga U.D.F. (Universidade do Distrito Federal). Encontramo-lo no Hotel dos Estrangeiros, onde também já desaparecido, onde nos recebeu com a maior cordialidade, colocando-se logo à nossa disposição, deixando-nos ao à vontade como se fôssemos velhos conhecidos. Não havia entre nós a menor constrangimento, natural no estudante indígena que se defronta pela primeira vez com um personagem de renome mundial.

Diante de nós estava um homem ainda alto, mas já gordo do que para magro, vivendo a década dos cinqüenta anos, de barbas e sem um dos braços. Sabíamos que êle o havia perdido nos campos de batalha da guerra de 14, em defesa de sua pátria, em conseqüência, por anos de heroísmo, com a Cruz de Guerra e da Legião de Honra, que ostentava na lapela do casaco. Homem afável, inteligente, olhos vivos e brilhantes, perguntando mais do que ouvindo, sem as atitudes professorais de certos intelectuais sofisticados que nos visitam de vez em quando, talvez que esta sua maneira de ver as criaturas lhe tenha sido sugerida pelo trato permanente com a temporalidade das coisas humanas, com a certeza de que tudo, nesta vida, seja sòmente passado. Esta, a única realidade. O resto é sonho e esperança.

Pois bem, Émile Bréhier nasceu em Bar-le-Duc em 1876. Ensinou filosofia nas universidades francesas desde 1908. Foi professor nas Faculdades de Letras de Reims e de Bordeaux. E a partir de 1919 fêz-se mestre de conferências de filosofia e de história da filosofia na Sorbone. Quando da morte de Henri Bergson (1941), sucedeu-o no Colégio de França. Seus primeiros trabalhos demoraram-se mais no chamado período "helenístico" da história da filosofia grega, e foram êles: **Idées philosophiques et religieuses de Philon d'Alexandrie** (1908), **La théorie des incorporels dans l'ancien Stoicisme** (1908), **Chrysippe** (1910). **La philosophie de Plotin** (1928).

De 1924 a 1936, publicou a edição Guillaume Budé a sua tradução, com notas e introdução, das **Ennéades** de Plotino, em seis volumes. Neste meio têrmo, escreveu também dois livros de filosofia moderna: **Schelling** (1912) e **Histoire de la philosophie allemande** (1921). E em 1928, começa então a dar a público a sua maior obra, a de maior fôlego, até aquela época desconhecida dos moldes franceses, a sua **Histoire de la philosophie**, cuja edição terminou em 1932, em dois grossos tomos de sete volumes.

Por outro lado, dirigiu ainda por muitos anos a **Révue d'histoire de la philosophie** e foi presidente do comitê de organização e dos trabalhos efetivos do IX Congresso Internacional de Filosofia (Congresso Descartes), que se realizou em Paris, em agôsto de 1937.

Depois da última guerra, escreveu ainda Bréhier: **Science et humanisme** (1942), **La philosophie du moyen-âge** (1946) e **Transformation de la philosophie française** (1950).

Eis aí, em poucas linhas, a história da vida de um homem que se dedicou durante tôda a existência à sua especialidade; a história da filosofia. Mas não se limitava à simples verificação cronológica da sucessão no tempo dos diversos filósofos. Possuía concepções próprias, quando que se encontrava prèviamente de uma posição sistemática no domínio da filosofia. Queremos dizer com isso que, embora dedicando-se a estudar no passado de outras figuras e de outras formas de conceber o mundo e a vida, Bréhier não se deixava alhear dos problemas do seu próprio tempo. Era êle um contemporâneo, com tôdas as ações, virtudes e deficiências de sua época. Interessava-lhe conhecer bem o passado para melhor interpretar o presente. Plantado na contemporaneidade, ia daqui que ia partia para o passado, acompanhado sempre pelo seu senso crítico não dogmatizado de sistema estudado, e a isso dirigindo, porém, de antemão através de uma concepção gradativa, escrevendo-os no todo histórico, vendo como foi preparado e o que dêle resulta. Porque a pior maneira de se fazer história da filosofia é a de fragmentariamente se dizer certas proposições em relações estanques, fora do seu tempo e do seu meio, sem ligação nenhuma com a sua própria condicionalidade histórica concreta, com o espírito de sua época. A mera sucessão cronológica inabalável se transforma em autêntica palha sêca, sem qualquer utilidade para o nosso tempo.

Certamente, a história da filosofia tem por ponto de partida a leitura crítica dos textos filosóficos do passado, mas não se deve cingir a esta simples leitura. Disciplina recente, começou a constituir-se somente a partir da metade do século XIX, quando tôda a humanidade se via tomada de chôfre pelo conceito de evolução. Ainda hoje muito se debate sôbre os seus verdadeiros métodos de estudo. Mas, segundo Bréhier, o postulado básico da história da filosofia pode ser assim enunciado: "A vida do espírito é constituída por uma integração contínua do presente com o passado, existindo uma certa continuidade no pensamento filosófico. Compete-nos, então, definir e precisar a natureza e os limites dessa continuidade.

Não podem ser esquecidos os condicionantes concretos, materiais do pensamento filosófico, seus fundamentos econômicos e sociais. A duração histórica não é uniforme, como um espírito único que permanece sempre o mesmo. São vários espíritos que seguem ritmos diferentes, com duração própria e em circunstâncias também diversas. Ou nas palavras de Bréhier: "A história nos mostra que não há um espírito humano que medita na eternidade; ao contrário, apresentam-se correntes espirituais muito variadas diversamente orientadas, que se destacam sempre que a ocasião lhes é favorável. A história nos fornece assim o fato de um determinado número de idéias, de um certo tipo de sensibilidade, de uma certa forma de arte, de uma certa concepção de vida, de uma certa atitude religiosa, que se encontram em um momento dado, e que se desenvolvem durante um período mais ou menos longo, até que se esgotem".

Mas, a tarefa final da história da filosofia consiste justamente em extrair dessas idéias concretas o que possam sugerir de geral e de universal, senão seria inútil a sua pesquisa e vão o seu esfôrço. "Um verdadeiro pensamento filosófico não pode perder-se definitivamente ao tempo em que se produziu. Tôda filosofia digna dêste nome é, ao contrário, um apêlo ao futuro. Não é um sistema fechado, mas um meio de pesquisa. Não consiste, como se crê muitas vezes, na invenção de entidades mais ou menos bizarras, que o filósofo teria descoberto numa região inacessível à experiência comum, mas num aprofundamento desta experiência. O essencial do platonismo não é, por exemplo, esta espécie de mitologia que afirma que existe, num lugar supraceleste, certas coisas que êle chamou de idéias, mas na invenção de um método para nos levar a pensar ou para nos tornar inteligível uma realidade que, em sua imediação sensível, escapa à razão. Acontece também que êstes pensamentos vivos perdem-se em sistemas fechados, que possuem respostas prontas para tôdas as questões. São os sistemas desta espécie incapazes de qualquer evolução ulterior, que se prendem a datas limitadas e que só podem reviver artificialmente. Passa-se de modo inteiramente diverso com as filosofias que são impulsos espirituais, que podem ser abandonados ou retomados. A história aparece assim como uma série de renascimentos e de retomadas de impulso criador. O apêlo de Platão, por exemplo, não foi entendido pelos seus sucessores imediatos; mas, de modo diferente, o neoplatonismo do fim da antiguidade e da Renascença e, mais profundamente, Kepler, Galileu e Descartes responderam à sua mensagem".

Compreendida desta forma, deixa a história da filosofia de ser um museu de coisas mortas, para ser um estimulante do próprio pensamento vivo. E parecebe então que em todos os tempos e em todos os lugares, sempre que o homem fôr filosofia procurou sempre obter uma concepção universal dêle sôbre e das coisas por intermédio da razão. E esta que dá a continuidade do esfôrço humano através das diversas épocas. O pensamento humano é bem aquêle homem de Pascal, que aprende continuamente pelas idades afora, ou, como queria Goethe, "a história da ciência, a história da filosofia, a história da humanidade e uma grande fuga, na qual as vozes dos povos se fazem ouvir sucessivamente." (**Die Geschichte der Wissenschaft ist eine grosse Fuge, in den die Stimmen der Völker nach und nach zum vorschein kommen**). Compete ao historiador da filosofia surpreender o que de essencial e de permanente trouxe cada povo para a continuidade desta grande sinfonia, que é o pensamento humano.

E com a morte de Émile Bréhier perde-se um dos maiores e mais sistemáticos historiadores da filosofia. Em França, apesar das contribuições de Rivaud, Foutiée, Olleis Rabin, Boutroux, Picavet e outros mais, nenhum ainda o ultrapassou na obra de conjunto, na visão total do desenvolvimento da reflexão do espírito sôbre si mesmo, sôbre suas possibilidades e seus limites de conhecimento. Com Bréhier, desaparece a cultura francesa de um dos seus representantes mais altos de estirpe de um Bergson, de um Brunschvicg ou de um Blondel. Resta-lhe, porém, a gratidão de muitas gerações de estudiosos, que encontraram nas páginas de seus livros um balanço geral do pensamento humano e a certeza de que sòmente através da razão é que a civilização ocidental pode encontrar o caminho de sua própria sobrevivência. "É deste elan da razão criadora que deve participar a nossa civilização, se possuirmos alguma chance de sobreviver. O aperfeiçoamento técnico, do qual o menor bárbaro pode fazer uso, de nada serve por êle mesmo para a sua manutenção. E isto sòmente nos pode dar consciência a história da filosofia. Ela é a nossa história".